



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FABIANA GUEDES RODRIGUES

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Fabiana Guedes Rodrigues

Entrevistadora: Mariana Cristina Borges Novais

Local da entrevista: Santos Dumont, Minas Gerais

Data da entrevista: 20/02/2017

Processamento da Entrevista: Mariana Cristina Borges Novais

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 10 páginas

Número da entrevista: E-836

Data da autorização para publicação no Repositório: 30/04/2019

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Mariana Cristina Borges Novais intitulada **À beira do gramado ou fora do jogo?: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em junho de 2018.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Santos Dumont, 20 de fevereiro de 2017. Entrevista com Fabiana Guedes Rodrigues a cargo da entrevistadora Mariana Novais para a dissertação de mestrado.

F.G. – “Meu nome é Fabiana Guedes, tenho trinta e dois anos. Brasileira, natural de Taboão da Serra, São Paulo. Solteira e não tenho filhos. Sou Bacharela e Licenciada em Educação Física. Atuo como Treinadora e como professora de futebol com carga horária de quatro horas semanais”.

M.N. – Eu gostaria que você começasse me contando um pouco, por favor, como era a sua relação com o esporte desde a infância.

F.G. – Olha, desde a minha infância eu comecei jogando com meninos. Jogava com meus irmãos e com meninos. E através daí, tinha um pessoal aqui com um projeto social e aí eu fui jogar nesse projeto. Então, depois daí eu fui para um clube já.

M.N. – E qual idade você tinha? Isso já era em sua juventude ou ainda na infância?

F.G. – Não. Que eu jogava com os meninos na rua era até uns onze, doze anos. Quando eu fui para o projeto eu já tinha quinze.

M.N. – Certo. E você teve alguém que te incentivou nesse processo, Fabiana?

F.G. – Olha, eu tinha meu pai que me incentivou. *Muito*. Mas quem mais me dava incentivo era o técnico que eu tinha no projeto que eu treinava aqui perto de casa. Que ele disse que eu tinha potencial, que eu podia ser uma boa jogadora futuramente. Então ele me incentivou muito mais que o pessoal da minha casa, da minha família. Minha família foi bem pouco.

M.N. – E os seus irmãos que jogavam com você quando eram crianças? Nem deles você teve apoio?

F.G. – Apoiavam no sentido de incentivar. Que eu tinha que procurar um lugar, um local para eu jogar onde só tinha menina. Então eles me deram esse tipo de incentivo.

M.N. – Entendi. E você, ao longo da trajetória como jogadora, foi treinada por alguma mulher, Fabiana?

F.G. – Sim, onde eu treinava tinha uma treinadora.

M.N. – E você percebeu alguma diferença entre ser treinada por homem ou por mulher?

F.G. – Sim. Minha primeira treinadora era mulher e tinha diferença sim. Porque quando você treina com um homem, ele já tem uma cultura diferente. Porque, normalmente o homem treinador, já vem de uma base, de uma escolinha, dos meninos. Então é diferente, completamente. [Trecho inaudível]...em questão do jeito de conversar, de incentivar. Agora com homem não, com homem é outra coisa. Então existe alguma diferença aí.

M.N. – Você disse então, que tem mais diferença na maneira da mulher incentivar, de apoiar, foi isso?

F.G. – Isso. O jeito de apoiar, de incentivar, o jeito de *falar*.

M.N. – Entendi. O que você costumava ouvir das pessoas em relação a sua participação no futebol?

F.G. – Eu sempre ouvia que: “Ah, futebol é para homem”, “Isso aí não dá futuro”, “Melhor você fazer outra coisa, vai perder tempo da sua vida jogando futebol”, “Você nunca vai ser reconhecida por que o preconceito sempre vai ter”, esse tipo de coisa que eu ouvia [riso].

M.N. – Entendi. E você menciona essa questão do preconceito, Fabiana. Você se recorda de alguma experiência negativa que tenha te marcado?

F.G. – Olha, teve uma vez que eu fui jogar...Eu não me recordo...Ah, acho que foi...E a gente estava perdendo o jogo e tinha um muro do lado de fora e estavam gritando: “Vão lavar louça” [risos], “Vão lavar louça, lugar de mulher é na cozinha!”. Mais ou menos assim. Isso aí me marcou. Sempre lembro disso. Porque hoje em dia a gente não está mais ouvindo tanto. Antigamente era bem mais.

M.N. - Hoje em dia você acha que melhorou isso?

F.G. – É, melhorou. Eu acho que é mais tranquilo...acho que a mídia. A mídia está ensinando, está educando todo mundo. Sobre preconceito, sobre tudo.

M.N. – Bacana. E a sua carreira de treinadora, como começou, Fabiana?

F.G. – Olha, eu parei de jogar tem três anos e aí eu vim para a minha cidade onde eu comecei a trabalhar na prefeitura. E aí eu comecei a ser treinadora da escolinha, mas para meninos. Para meninos. Aí eu fiquei um ano e meio treinando meninos de sete a dezessete anos. Daí eu depois eu fui assumir o Tiradentes do Piauí, mas assim, foi um convite meio rápido porque o treinador foi suspenso, eu tinha uma boa relação com o presidente e aí ele me chamou. E eu falei para ele que já estava estudando sobre isso, já tinha feito alguns cursos de treinadora e que eu encaro bem, só que eu estava só esperando porque eu precisava estudar um pouco mais. Aí ele pegou e falou assim: “Não, então você já vai começar aqui. Já vou te dar essa experiência”. Porque o treinador ficou suspenso seis jogos e aí eu assumi esses seis jogos a mando dele.

M.N. – Legal. E além do presidente do Tiradentes, você teve mais alguma pessoa que foi fundamental para o início da sua carreira, Fabiana?

F.G. – Olha, além do presidente que já conhecia o meu trabalho, tinha também o...Como se fosse o suplente do presidente. Que ele vinha muito a São Paulo, então ele me acompanhou muito com os meninos e também com as meninas do campo, mas nada

profissional porque elas jogavam os Jogos Regionais e os Jogos Abertos. Então ele gostou muito. Ele quis me levar para lá, então ele também foi fundamental.

M.N. – Bacana. E você comentou sobre os cursos, conta um pouco por favor, que tipo de capacitação você já fez, como são os cursos para treinadoras no Brasil...

F.G. – Olha, eu fiz, fora Educação Física que eu tinha te dito, fiz Bacharel e aí eu fiz dois cursos de treinadora. Um eu fiz aqui em São Paulo, ele chama “[nome inaudível]”, alguma coisa assim, é cheio de abreviação. E o outro que fica no [nome inaudível] também. E o que eu achei mais interessante nesses dois cursos, é que nos dois cursos só tinha eu de mulher [riso]. Eu fui indicada pelo pessoal aqui da prefeitura e quando eu fui lá fazer só tinha eu de mulher, nos dois que eu fui fazer.

M.N. Entendi. E você considera que houve algum tipo de dificuldade para você começar a sua carreira, Fabiana?

F.G. – Ah, dificuldade...Ah...Assim, nesse meio do feminino aqui, conforme...Não é igual ao masculino que o treinador fica pouco tempo e sai. Aqui, no Brasil, você vê treinadora no feminino que fica sete, oito anos, quinze anos no mesmo time. É difícil você conseguir espaço, principalmente aqui em São Paulo. Por aqui os treinadores são de muito tempo no clube. [Trecho inaudível]. Aqui, os melhores jogadores são de São Paulo, teoricamente todo mundo procura São Paulo porque tem mais clube na série A e no Nordeste também. Os profissionais são muito bem recebidos no Nordeste porque eles querem copiar o trabalho daqui, que tem São Paulo.

M.N. – Entendi. Você falou sobre o tempo que os treinadores e as treinadoras ficam nos clubes. Queria que você contasse um pouco, como está organizada e estruturada a profissão de treinadora. A respeito das questões trabalhistas e condições de trabalho.

F.G. – Olha, eu posso dizer que hoje, agora, existem dois clubes que tem carteira assinada para a profissão de treinadora. Que é lá no Santos, que eles fazem um trabalho mais profissional, que as jogadoras também têm carteira de trabalho. E o Corinthians também.

O restante, de tudo, no geral, é contrato. Você vai lá, entrou como treinadora...Ah, eu vou começar agora...É um contrato de um ano, é um contrato de dois anos, mas todos são contratados. Nenhum tem carteira assinada não. É difícil ainda. É...para a gente...Para jogadora já é difícil ter carteira assinada e para treinadora também. Quando eu vim para o futebol feminino aqui...Eu era jogadora...Quando eu fui para ser treinadora eu também achei...Nossa [riso], vai ser igualzinho quando eu era jogadora, vou ter contrato a vida toda? [riso]. E é muito ruim. Questão de organizar, ainda falta muito. Você vê aí em beira de gramado, assumindo time grande, treinador que não tem nem um curso. O que eu acho absurdo. Pelo menos um curso deveria ter. Já que não foi professor, não fez a faculdade, pelo menos um curso. Porém, alguns estão começando a qualificar agora. Mas ainda não é obrigado. Então assim, enquanto não for obrigado, não vai conseguir não. Espera um pouquinho...[interrupção]. Eu acho que nesse sentido, eles deviam...Olha, eles agora organizaram o campeonato mas não organizaram esse tipo de coisa que para mim é fundamental. Porque eles cobram das meninas jogarem em alto nível, que as meninas cheguem na seleção em alto nível, mas não conseguem chegar na seleção em alto nível porque o trabalho que é feito no clube não é bom.

M.M. – E você já passou por outros clubes, com exceção do Tiradentes?

F.G. – Depois que eu fui para o Tiradentes eu fiquei no CAT que é o Clube Atlético Taboão, joguei Regional e Jogos Abertos, fui treinadora das meninas e agora, recentemente eu acebi de assumir...Eu passei pelo Audax agora também. De janeiro até segunda feira passada eu estava no Audax. Como eu tinha o projeto aqui no Embu, agora eu estou iniciando aqui no Embu.

M.N. – Você está começando então um clube de futebol de mulheres aí na sua cidade?

F.G. – Isso. E vai entrar...No Embu...Vai entrar no Campeonato Paulista, vamos fazer um trabalho com as meninas mais novas. Na verdade o projeto é descobrir talentos. É um projeto com meninas mais novas com talentos que vão aparecer. Então, vai jogar o Campeonato Paulista, jogar os Jogos Abertos.

M.N. – Legal. Tomara que dê certo. Você já exerceu outra função dentro de uma comissão técnica, Fabiana?

F.G. – Sim. É...o último que eu te falei, o Audax, eu fui auxiliar. Eu fui para o Audax esses dois últimos meses porque eu tinha fechado o projeto aqui no Embu mas não tinha tido resposta ainda. Aí eu fui para o Audax como auxiliar já para estagiar. Como o treinador é *muito* bom, eu falei assim, vou ficar no Audax um tempo, vou ficar estagiando aqui porque daqui a pouco o projeto vai dar certo e aí eu venho para cá. Então eu fiquei lá um tempo como auxiliar.

M.N. – Entendi. E você acha que existe espaço dentro das comissões técnicas para as pessoas progredirem nos cargos? Por exemplo, da preparação física passar a auxiliar, auxiliar passar a treinadora, o que você pensa disso?

F.G. – Eu acho que o que mais tem...O mais comum ver, é você ser auxiliar e passar a treinador. Isso é mais comum no feminino. De preparador físico ser treinador é um pouco mais difícil. Mas sempre tem um auxiliar hoje aqui, amanhã treinador lá no outro time. Começou como treinador e foi auxiliar lá em outro lugar. Essa troca aí sempre tem. É o que mais acontece.

M.N. – Como você enxerga a questão da remuneração para mulheres que atuam como técnicas hoje?

F.G. – Olha, para ser sincera, é tudo aquilo que eu te falei. Tudo depende de onde você está trabalhando. Se você vai trabalhar num Embu, em um Taboão, em um Araraquara agora, Ferroviária que já é comum o futebol feminino, você vai ter um teto que não é ruim, mas se você for para um grande você vai ganhar muito mais. Então assim, em questão de remuneração não é ruim. Não é ruim. É que não se compara com o masculino. Não tem como comparar, não cabe mais a comparação porque todo mundo já percebeu que não dá. Não tem margem para isso. Então, mas em questão de...É uma remuneração legal. Não é ruim não. É boa. Média para boa.

M.N. – E o que você considera como importante para o sucesso da carreira de uma treinadora?

F.G. – Olha, eu acho que o mais importante para o sucesso...Primeiro é você ter um bom relacionamento com o grupo e outra, você tem que estar estudando sempre. *Sempre* tem alguém com coisa diferente. Acho que o que você buscou hoje, amanhã já está um pouquinho melhor e depois de amanhã vai estar bem melhor do que quando você começou. Então se você não tiver...Na verdade, acho que é preciso gostar. Gostar do que faz. Não cair de paraquedas. Se você gosta do que faz, você vai estar sempre querendo melhorar. Então, acho que o mais importante para mim é gostar do que faz. Porque aí, dentro disso, você começa a trabalhar mais, a buscar mais conhecimento e assim você vai ter sucesso.

M.N. – Bacana. E você falou sobre a relação com a equipe. Como é ou como foi a sua relação com as pessoas que você lidera dentro das equipes, Fabiana?

F.G. – Com as jogadoras?

M.N. – Tanto jogadoras quanto quem é subordinado a você dentro da própria comissão técnica, tudo isso.

F.G. – Tenho uma boa relação. Lógico que é...Conflito tem, às vezes, com a comissão, mas conflitos de ideias para melhorar. Isso sempre vai ter, porque também se correr tudo muito bem...Graças a Deus, mas sempre tem um que concorda com ali, que não concorda, que acha melhor aqui, até chegar a um consenso. E com as jogadoras, é...Relacionamento é bom. É bom. Você sabe que um relacionamento é bom quando tem respeito. Quando as pessoas escutam o que você fala, quando fazem acontecer o que você está pedindo...Quer dizer que tem um bom relacionamento.

M.N. – Legal. E o que você pensa sobre as redes de contato no meio do futebol?

F.G. – Não entendi muito bem a pergunta.

M.N. – Se você acha que faz diferença na carreira, para se inserir, para permanecer, ter uma boa rede de contatos.

F.G. - Ah entendi. Sim, sim. Acho que é o mais importante, na verdade. Porque quando você está na condição de ser ex-jogadora para você ser treinadora, ou auxiliar, o que seja...Se você não tiver uma boa rede de contato, você vai ter mais dificuldades para chegar. Como eu tive o contato com o ex-presidente, que foi presidente num clube onde eu jogava, ou quando eu fui para o Audax com meu ex-treinador que teve confiança em mim para me colocar lá. E aqui no Embu também porque eu fui jogadora muito tempo da cidade e aí o pessoal conhecia muito a gente e aí me colocou até lá e eu pude chamar as meninas para virem para cá. Então acho que é o mais importante, viu. Se você tem uma boa rede de contato vai te ajudar muito, *muito*. Eu acho que sem rede de contato demora muito para você chegar.

M.N. – Entendi. E sobre a sua profissão, você ainda acumula duas funções, Fabiana? Ou você está agora só no seu projeto mesmo?

F.G. – Por enquanto eu estou só no meu projeto. O meu contrato com a escolinha da prefeitura acabou no final do ano e aí por enquanto eu estou só no projeto. Mas isso não impede porque como eu dou aula o tempo inteirinho. Como eu sou professora, ter dois trabalhos, isso pode acontecer de novo. Porque quando o time passa para o profissional você tem muito mais desgaste...De muita coisa...Às vezes você vai dar treino, tem quatro, três horas por dia mas depois você tem muita coisa para fazer, para resolver. Então, às vezes, você só ficar ali é melhor, mas financeiramente falando, pode ser que eu volte a dar aula na escolinha.

M.N. – Entendi. E como se dá a conciliação ente a sua vida profissional que, com certeza toma bastante o seu tempo, com a sua vida pessoal, Fabiana?

F.G. – Então, o que eu tento fazer, e venho conseguindo...Às vezes foge...É quando sair do campo eu troco a chave. Até um certo horário eu fico resolvendo algumas coisas. Depois que eu saio eu largo o celular, a internet porque aí eu tenho outras coisas de casa

para fazer, principalmente final de semana eu tenho família, né. Então, com as minhas amigas ou outras pessoas que eu tenho que não são do futebol...E quando eu volto segunda feira para dar treino eu já troco a chavinha de novo e aí eu vou respirar o futebol até...[riso].

M.N. - Está certo. E você considera ainda, ter algum tipo de dificuldade agora para permanecer no seu cargo?

F.G. – Ah, quando se fala em futebol feminino, tudo é delicado. Porque se a gente tem quatro patrocínios hoje, amanhã se eles quiserem sair, eles vão sair. Tem contrato sim, mas até onde esses contratos vão? Contrato...Ele é efetivo, eu não sei. Então a gente trabalha primeiro porque faz o que gosta, mas também a gente fica insegura. Há uma insegurança por conta disso. Então o medo é...A gente tem que segurar o patrocinador até...Porque ele assinou, ele não pode cancelar o contrato e sair porque assim a gente fica inseguro.

M.N. – Entendi. E o que você acha que pode ser capaz de garantir a permanência de uma mulher como treinadora no futebol aqui no Brasil?

F.G. – Então, agora a gente está tendo umas novas leis aí que estão deixando os treinadores e os jogadores mais tranquilos. Mas acho que o ideal seria que todos os clubes tivessem por obrigação. Fazer como, tipo, como o masculino. Ter obrigação de ter o calendário, de pagar tudo e de cumprir os contratos. Clubes e Federações também, premiações melhores pro campeão...São essas coisas que vão fazendo os clubes terem interesse em ter o feminino.

M.N. – Sim. E como você analisa, hoje, as oportunidades de ascensão para as mulheres que ocupam o cargo de treinadora, Fabiana?

F.G. – Olha, como a Emily assumiu a seleção, e foi todo aquele barulho, isso ajudou muito para que as pessoas começassem a olhar que a mulher também pode ser treinadora. Porque tem gente que já tem preconceito com homem treinador dentro de uma

modalidade que tem preconceito contra a mulher jogando. Agora, com a chegada da Emily na seleção, abriu portas, muitas. Porque se você...Aí depois disso as mulheres já tomaram uma posição de que pode. O clube, o clube já olhou diferente, então...Agora abriu melhor o caminho aí e está crescendo. Você pode ter certeza que daqui para frente vai ver muito mais mulheres no comando.

M.N. – Que bom. É isso que a gente quer mesmo. E quais são as suas expectativas futuras como treinadora, Fabiana?

F.G. – Olha, como eu te disse, são muitas. Os meus planos como treinadora são [trecho inaudível] no futebol e ir fazendo mais cursos. Então assim, eu quero fazer um projeto aqui e ser muito bem vista, isso é o que eu quero para esse ano. Uma boa campanha, eu quero fazer as meninas serem observadas e eu também ser. Ser observada, o meu trabalho ser bem visto e as meninas...Vamos supor...Está bem, muito bem, é uma vitrine de gente muito boa, que a gente tem um projeto legal, que aqui também tem gente trabalhando, aqui também tem menina...[trecho inaudível]...e depois eu quero assumir um time grande. Quando eu tiver muito mais fortalecida, muito mais preparada aí vou brigar para estar em um grande também.

M.N. – Legal. E há algo que te faça pensar em desistir dessa carreira, Fabiana?

F.G. – Por enquanto não [riso]. Por enquanto não, não. Eu acho que isso aí está no sangue. Você já entra no futebol desde quando tem...criança. Então isso para mim é...Eu não tive vontade de parar de jogar. Depois que eu parei isso é uma chance de eu ficar mais próxima do futebol. Então não há possibilidade não.

M.N. – Que bom. Eu terminei as perguntas que eu havia preparado, agora gostaria de saber se você deseja deixar algum comentário ou algum depoimento em relação ao assunto, mas que eu não tenha te perguntado.

F.G. – Então assim, eu acho importante também, mas a gente falou bem pouco, é falar mais sobre quantidade de meninas interessadas no futebol agora. Recentemente tiveram

duas peneiras. Eu participei da peneira do Audax onde tinham cento e oitenta meninas e em um lugar extremamente difícil de chegar, todas as dificuldades eu notei. Tinha dificuldade de metrô...Muitas meninas vieram de Uber, e se viraram. Chegaram. E o que mais me chamou a atenção, que eu achei muito interessante, é que eram abaixo de vinte anos. Tipo, tinham cem mais ou menos com dezoito, dezessete, *quinze* anos. Eu fiquei impressionada porque até eu não estava acreditando naquilo. Feliz! Feliz porque se você tem menina de quinze, dezesseis, dezessete e dezoito é sinal de que o que as meninas mais velhas estão fazendo está rendendo fruto agora. É plantar a semente totalmente. Eu estou plantando, e as sementes estão brotando, estão brotando, então isso é muito importante.

M.N. – Bacana. Legal. Mais alguma coisa que você gostaria de relatar, Fabiana?

F.G. – Não, não. Acho que não.

M.N. – Então eu te agradeço muito por ajudar no estudo. Agora vou proceder com a escrita de tudo isso que você me falou e em seguida eu retorno o texto a você para caso você deseje fazer alguma outra consideração fica aberto. Então irei te fazer essa devolutiva e ainda vamos continuar conversando sobre o estudo, está bom.

F.G. – Está bom.

[FINAL DA ENTREVISTA]